

A MORTE COMO POSSIBILIDADE DE CONCRETIZAÇÃO DE UM DESEJO (Uma leitura de “Morte” de Junqueira Freire)

Roberto Boaventura da Silva Sá (Letras - IL - UFMT)

Luís José Junqueira Freire, ao completar 19 anos, entra, como seminarista, na Ordem Beneditina, em Salvador, motivado por desgostos familiares. Em sua vida, os acontecimentos são sempre de ordem interior. Segundo o crítico Alfredo Bosi, “em Junqueira Freire é precisamente esse convívio tenso entre “eros” e “thanatos” que sela a personalidade do religioso e do artista malgrado”⁽¹⁾. Afinal, morando no seminário, não se esquece dos prazeres mundanos.

No poema “Morte”, objeto desta leitura, inserido nas **Inspirações do Claustro**, essa tensão apresenta-se bem evidente, pois o eu-poético procura, a todo instante, mostrar sua angústia por não ter encontrado quem merecesse os seus amores. Assim, passa a clamar pela morte para que quando seu corpo, enquanto pura matéria, for depositado na cavidade terrestre, consiga a relação sexual tão desejada com o próprio elemento terra sob a forma de buraco.

No sentido de se comprovar este enfoque, não perdendo de vista a necessidade da síntese forma/contéudo no texto literário, recorreu-se a elementos da simbologia, especificamente aos números que dão formato ao próprio texto. Sem a recorrência, quaisquer afirmações não transcenderiam aos limites de uma impressão.

A construção do poema “Morte” apresenta os seguintes números: 19 estrofes distribuídas em quartetos. Das 19, 11 estão dispostas em versos decassilábicos. As 08 estrofes restantes, em versos heptassilábicos. Deste emaranhado, nada teria dimensão significativa se o tema não fosse a morte e, em especial, a maneira como é tratada pelo eu-poético.

No desmembramento do número 19⁽²⁾, ter-se-á: 1+9=10, coincidindo com as medidas dos versos decassilábicos. Nos estudos de numerologia, o “10” simboliza a perfeição, a completeza espiritual, mas pode também expressar a unidade atuando como número par (ambivalência) ou começo de uma série total. De fato, a perfeição é alvo do eu-lírico. Todavia, ante a angústia existencial, sua principal companheira, surgem as irregularidades ou a quebra da perfeição na própria construção da forma poética. O prenúncio de que o estado perfeito não seria atingido encontra-se já na mencionada subdivisão

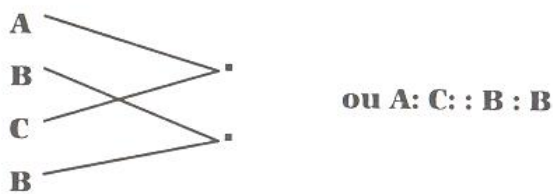
das estrofes.

Conforme Eliphaz Lévi⁽³⁾, o número “11” indica transição, perigo: número do conflito e do martírio. Ora, já se falou do tenso conflito entre “eros” e “thanatos” vivenciado pelo poeta. Dúvida responsável pelo martírio. Sofrimento atenuado nas intercalações das oito estâncias de redondilha maior; visto ser o “08”, o símbolo da regeneração, ou seja, da vontade de vencer o martírio, a angústia existencial. Em contrapartida, vez mais, isso não será possível porque, em sendo oito estrofes as simbolizadoras da regeneração, estas são de versos heptassílabos. E o “07” corresponde à cruz tridimensional, simbolizante da dor. De novo, o martírio. Portanto, a impossibilidade de se obter a perfeição em vida.

Continuando o raciocínio em que os números explicam a composição, verifica-se que todas as estrofes são compostas por quatro versos (quarteto). O “04”, no **texto**, é basilar por ser o símbolo da terra, da espacialidade terrestre, do situacional:

*“Quero o chão, quero a terra - esse elemento
Que não se sente dos vaivéns da sorte”.*

Por outro lado, na observação da presença das rimas, perceber-se-á cada estância formada no esquema (ABCB). Os primeiros e terceiros versos são brancos. Os segundos e quartos rimam entre si e com o detalhe de as rimas serem perfeitas. Assim, se se observar o esquema visto na real posição versífrica, tem-se:



Mesmo não sendo possível chamar, consoante o tradicionalismo teórico, tal esquema de rimas alternadas ou cruzadas, por se apresentar, na verdade, misturado, quem poderia, mesmo assim, negar a existência de um cruzamento dos versos, no tocante à rima, em todas as estrofes de “Morte”? Cruzamento que remete ao signo cruz, de significativa importância ao texto em análise.

Para o cristianismo, religião do monástico, “no complexo simbolismo da cruz... entram dois fatores essenciais: o da cruz

propriamente dita e o da crucificação ou estar sobre a cruz”. (4) (...) “Em sentido ideal e simbólico, estar crucificado é viver a essência do antagonismo, base que constitui a existência, sua dor agônica, seu cruzamento de possibilidades e de impossibilidades, de construção e destruição.”(5) Em síntese, a cruz é a conjunção de contrários e entre as oposições estão a vida e a morte. A vida, sendo o começo da nova série total, no poema, só existirá após a morte que surge relacionada com o elemento terra:

*“Vermes que sobre podridões refervem,
Plantinha que a raiz meus ossos ferra,
Em vós minha alma e sentimento e corpo
Irão em parte agregar-se à terra.”*

O senso de realismo, nesta estância, chega mesmo a antecipar Machado de Assis em **Memórias Póstumas de Brás Cubas** no momento em que seu personagem Brás Cubas dedica as suas memórias póstumas ao primeiro verme que roer as frias carnes de seu cadáver. É sempre bom lembrar que Junqueira Freire aparece, dentro da história literária brasileira, como um dos representantes da geração egótica do Romantismo.

Mas, retornando ao caminho da simbologia, vê-se que “terra”, dentro do **texto**, refere-se ao buraco feito na mesma para o depósito de cadáveres. E “buraco”, para Mircea Eliade, no **Tratado de História de las Religiones**, pode ser visto em dois planos: **biológico** - fecundação, fertilidade; **espiritual** ou transmudano - passagem deste mundo a outro. Já os povos primitivos da Índia identificavam o elemento “buraco” com o sexo feminino:

*“Não achei na terra amores
Que merecessem os meus
.....
Não posso da vida à campa
transportar uma saudade
.....
Por isso, ó morte, eu amo-te e não temo:
Por isso, ó morte, eu quero-te comigo
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo.”*

Diante das simbologias e dos versos da composição poética, vê-se a procura do eu-lírico na terra (buraco) do que na terra (espaço global) não encontrara, ou seja, amores. Desta forma, no instante em que seu corpo, após a morte, for depositado na cavidade terrestre, estará ele concretizando, metafisicamente, a relação sexual tão desejada em vida:

*“Miríades de vermes lá me esperam
Para nascer de meu fermento ainda,
Para nutrir-se de meu suco impuro
Talvez me espera uma plantinha linda.”*

Desta maneira, a simbologia se totaliza: espiritualmente, o eu-lírico obtém vida na transcendência; biologicamente, deixa como herdeiros, resultado da fecundação corpo/terra, “miríades de vermes...” ou “talvez... uma plantinha linda”.

NOTAS

- (1) BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 3ª ed. São Paulo, Cultrix, 1985, p. 124.
- (2) O processo que nos levou a encontrar o resultado da adição dos números está em Helyn Hitchcock, **A Magia dos Números ao Seu Alcance**, p. 65.
- (3) CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de Símbolos**. Trad. de Rubens Eduardo Ferreira Fraiss, São Paulo, Editora Moraes, 1984, p. 414.
- (4) Idem p. 195.
- (5) Ibidem p. 197.

MORTE
(HORA DE DELÍRIO)

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o têrmo
De dous fantasmas que a existência forma,
— Dess'alma vã e dêsse corpo enfêrmo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das noções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam,
Que nos extingues as visões terrenas.

Nunca temi tua destra,
Não sou o vulgo profano:
Nunca pensei que teu braço
Brande um punhal sobr'-humano.

Nunca julguei-te em meus sonhos
Um esqueleto mirrado;
Nunca dei-te, pra voares,
Terrível ginete alado.

Nunca te dei uma fouce
Dura, fina e recurvada;
Nunca chamei-te inimiga,
Ímpia, cruel ou culpada.

Amei-te sempre: -- e pertencer-te quero
Para sempre também, amiga morte.
Quero o chão, quero a terra, -- êsse elemento
Que não se sente dos vaivéns da sorte.

Para tua hecatombe de um segundo
Não falta alguém? -- Preenche-a comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me no nada, leva-me contigo.

Miriadas de vermes lá me esperam
Para nascer de meu fermento ainda,
Para nutrir-se de meu suco impuro
Talvez me espera uma plantinha linda.

Vermes que sôbre podridões refervem,
Plantinha que a raiz meus ossos ferra,

Em vós minha alma e sentimento e corpo
Irão em parte agregar-se à terra.

E depois, nada mais. Já não há tempo
Nem vida, nem sentir, nem dor, nem gôsto,
Agora o nada, -- êsse real tão belo,
Só nas terrenas vísceras deposto.

Facho que a morte ao lumiar apaga,
Foi essa alma fatal que nos aterra.
Consciência, razão, que nos afligem,
Deram em nada ao baquear na terra.

Única idéia mais real dos homens,
Morte feliz -- eu quero-te comigo:
Leva-me à região da paz horrenda
Leva-me ao nada, leva-me contigo...

Também desta vida à campa
Não transporto uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade.

E como autômato infante
Que ainda não sabe mentir,
Ao pé da morte querida
Hei de insensato sorrir.

Por minha face sinistra
Meu pranto não correrá.
Em meus olhos moribundos
Terroros ninguém lerá.

Não achei na terra amores
Que merecessem os meus,
Não tenho um ente no mundo
A quem diga o meu -- adeus.

Não posso da vida à campa
Transportar uma saudade.
Cerro meus olhos contente
Sem um ai de ansiedade.

Por isso, ó morte, eu amo-te e não temo:
Por isso, ó morte, eu quero-te comigo.
Leva-me à região da paz horrenda,
Leva-me ao nada, leva-me contigo.